

1-2013

A Radicalidade do Amor

Agostinho Tavares

Follow this and additional works at: <https://dsc.duq.edu/missao-espirtana>

Recommended Citation

Tavares, A. (2013). A Radicalidade do Amor. *Missão Espiritana*, 21-22 (21-22). Retrieved from <https://dsc.duq.edu/missao-espirtana/vol21/iss21/24>

This Article is brought to you for free and open access by Duquesne Scholarship Collection. It has been accepted for inclusion in Missão Espiritana by an authorized editor of Duquesne Scholarship Collection.

11 - A Radicalidade do Amor

«Como o Pai me amou, também Eu vos amei; permaneci no meu amor. Se guardardes os meus mandamentos, permaneceréis no meu amor, do mesmo modo que Eu tenho guardado os mandamentos de meu Pai, e permaneço no seu amor. Digo-vos isto para que a minha alegria esteja em vós e o vosso gozo seja completo. O meu mandamento é este: Que vos ameis uns aos outros como Eu vos amei. Ninguém tem maior amor do que aquele que dá a vida pelos seus amigos» (Jo 15, 9-13).

Num mundo que promove os desportos radicais e a adrenalina, seja-me permitido falar da radicalidade do amor.

A radicalidade do amor é, de facto, a radicalidade essencial da vida cristã. Posso ter uma fé capaz de transportar montanhas, a generosidade de distribuir todos os meus bens em esmolas e a audácia de sacrificar a própria vida, se não tiver amor, de nada me serve e nada sou (cf. 1Cor 13,1-3).

Importa deixar claro que a radicalidade do amor não tem nada a ver com o fundamentalismo. O fundamentalismo prende-se com a exacerbação do apego a uma ideia, a uma doutrina, a uma crença.

A radicalidade do amor tem a ver, outrossim, com a radicalidade que contemplamos em Jesus, que «levou até ao extremo o seu amor» (Jo 13,1). E a radicalidade de Jesus manifesta-se sobretudo no caminho que empreendeu desde o fazer-se Homem, assumindo a condição de servo, sem reivindicar ser tratado segundo a sua condição divina, até o dar a vida na cruz (cf. Fl 2,5-8), e o perdoar e pedir desculpa para os que O traíram e matavam tão cruel e injustamente (cf. Lc 23,34).

Jesus Cristo viveu a radicalidade do amor e convidou os seus discípulos a segui-lo até ao extremo de dar a vida (cf. Jo 15,13), perdoar e amar os inimigos (cf. Mt 5,44).

Mas como viver a radicalidade do amor? Ou então, como poder amar assim, ao jeito de Jesus? O que levou Jesus a seguir este caminho? Está claro nos Evangelhos: o viver profundamente unido ao Pai, com a consciência de ser o Filho muito amado do Pai: «Uma vez baptizado, Jesus saiu da água e eis que os céus se lhe abriram e viu o Espírito de Deus descer como uma pomba e vir sobre Ele. E uma voz vinda do céu, dizia: “Este é o meu Filho muito amado, no qual pus toda a minha complacência”» (Mt 3,16-17; cf. Mt 17,5).

Só na medida em que vivermos unidos a Jesus Cristo e com a consciência viva do seu olhar de amor infinito é que nos será

possível trilhar os caminhos da radicalidade do amor.

Isto mesmo podemos contemplar na experiência de vida do jovem Cláudio Poullart des Places. O encontro com a ternura do amor de Deus suscitou nele o desejo de corresponder ao amor do Senhor com a oferta pascal da própria vida:

«De todos os bens materiais, nada queria guardar a não ser a saúde para dela fazer um total sacrifício a Deus no trabalho das missões. E sentir-me-ia imensamente feliz se, após ter abrasado o mundo inteiro com o amor de Deus, pudesse dar, até à última gota, o meu sangue por Aquele cujos benefícios tinha quase sempre presentes».

E nós vemos o jovem Fundador morrer aos trinta anos de idade, certamente esgotado pelo intenso trabalho que a obra do Seminário lhe exigia bem como a sua solicitude em ajudar as pessoas atingidas pela epidemia que então grassava em Paris. Como grão de trigo lançado à terra...

Gostava de fazer ver como esta radicalidade do amor – a autêntica radicalidade da vida cristã – também está presente em Francisco Libermann, o outro Fundador da Família Espiritana: «O meu corpo, a minha alma, o meu ser e toda a minha existência pertencem a Deus. E se soubesse que havia em mim uma pequena veia que lhe não pertencesse, arrancá-la-ia e pisá-la-ia aos pés, na lama e na poeira. Os laços de caridade que me ligam e prendem ao meu Senhor Jesus são demasiado fortes para que possais rompê-los».

Mais tarde, comentando o Evangelho de João, Francisco Libermann diria: «É uma grande felicidade para uma alma saber que é amada por Jesus. Este conhecimento torna-se nela o manancial abundante de uma confiança sem limites».

Idêntica radicalidade podemos encontrar no Beato Daniel Brottier. Assim escreveu ele, no pedido que fez para ser admitido na Congregação do Espírito Santo: «A vida missionária sempre a encarei, desde os doze anos, como a vida de um homem que quer sacrificar-se e imolar-se pela salvação das almas – depressa ou gota a gota, que importa? Se, no entanto, me fosse permitido exprimir a minha preferência, esta seria para a primeira eventualidade. Não quereria ser presunçoso, mas se V. Ex. Rev.ma tem um lugar perigoso, onde seja preciso arriscar alguém, digo-lhe: Aqui estou!»